

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.011](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.011)

RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA, COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Edilson Mendes Nunes

Graduado em Geografia (UNIFIP), Mestre em Sistemas Agrossilvipastoris (UFCG), edimenu@gmail.com;

Joana Gracielle Acácio de Lima Furtado

Graduada em Letras (UFPB), Especialista em Libras (IFPB), joana.graciele@professor.pb.gov.br

Maria Clerya Alvino Leite

Licenciada em Enfermagem (UFPB) e em Ciências Biológicas (UPE). Doutora pela UFPB, professora do IFPB *campus* Patos, clerya.alvino@ifpb.edu.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar um relato de experiência de uma mãe sobre a relação família/escola, comunicação e inclusão do aluno surdo no sistema regular de ensino em uma escola no município de Conceição-PB. Também objetivou: identificar como ocorre a comunicação entre os pais e o aluno surdo, diagnosticar se há oferta do ensino de Libras, verificar a relação dos pais com a escola e demonstrar o maior desafio que os alunos surdos enfrentam no ensino regular. Participou desse estudo uma mãe ouvinte de uma aluna surda matriculada no ensino regular. Utilizou-se como técnica de coleta de dados o questionário com perguntas abertas e de múltipla escolha. Os resultados indicam que: mãe e filha se comunicam por meio de gestos caseiros e leitura labial; a relação dos pais com a escola é amistosa – estão sempre interagindo com a escola, o que revela que valoriza a escola e a educação; o maior desafio enfrentado pelo aluno surdo é a

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.011](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT11.011)

RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA, COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DO ALUNO SURDO
NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

comunicação, por causa da língua; não há o ensino da Libras na escola, além disso, falta profissionais capacitados. Portanto, quando a família e a escola interagem juntas, os alunos surdos desenvolvem sua aprendizagem, mesmo enfrentando desafios na comunicação.

Palavras-chave: Ensino de Libras, Surdo, Família, Escola.

1 INTRODUÇÃO

A importância da família na educação de seus filhos é indiscutível, pois dá suporte emocional e orientação às crianças. É de suma importância que a família acompanhe o aprendizado de seus filhos, e no caso dos alunos surdos não é diferente. Pesquisas recentes têm demonstrado como a interação família e escola contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo, bem como os desafios que os surdos filhos de pais ouvintes enfrentam no processo de aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) (CAPPELLINI; SANTOS, 2020; FALEIRO; FARIAS; SILVA 2017; VIANA; TOMASI, 2020).

No Brasil, 4,6 milhões possuem deficiência auditiva e 1,1 milhão são surdas, totalizando aproximadamente 5,7 milhões de pessoas com perda auditiva (BRASIL, 2014). No caso de surdos filhos de pais ouvintes, geralmente as famílias interagem por meio da linguagem oral, inacessível ao surdo. Com isso, a língua de sinais é quase sempre desconhecida pela família. Como resultado, embora possam contar com uma linguagem constituída na interação com os familiares ouvintes, dificilmente as crianças surdas de pais ouvintes chegam à escola com uma língua desenvolvida, seja de sinais, seja a portuguesa.

Em relação à educação das crianças surdas encontram-se alguns desafios que permeiam o processo educacional, principalmente questões que envolvem a educação dos surdos, a relação entre a família e a escola. Tendo a premissa de que tanto os pais quanto a escola possuem papéis fundamentais no processo educacional do aluno, é fundamental entender como essa relação ocorre, e os benefícios dessa interação. E conforme Cappellini e Santos (2020), a família influencia de modo significativo na educação do aluno, contribuindo assim, para o desenvolvimento global na aprendizagem, reforçando as competências das relações e interações sociais que ocorrem no contexto familiar. Contudo, a escola tem sido, sucessivamente convidada a reinventar-se em dadas interações, tornando a educação mais próxima dos contextos da vida real, proporcionando um leque de oportunidades socioeducativas, permitindo a melhor compreensão da vida e do lugar de cada um no mundo.

Para o pleno entendimento deste estudo, e, por conseguinte das vertentes que ele se propõe a tratar, é fundamental conhecer e entender os princípios básicos da inclusão e a lei que regulamenta a Libras. Pois, tal conhecimento é elementar para defender a inclusão e o direito do aluno surdo de ter a Libras como L1 ensinada nas escolas públicas do Brasil, contribuindo assim, para o seu desenvolvimento e aprendizagem. O reconhecimento da língua de sinais contribui para o desenvolvimento do surdo em todos os aspectos, social, cognitivo, afetivo e linguístico (PEREIRA, 2011).

Na abordagem temática e no desenvolvimento das ações deste trabalho, a atuação que os pais têm feito para o desenvolvimento da aprendizagem de sua filha surda, em uma escola da cidade de Conceição - PB, bem como as dificuldades encontradas no processo de aprendizagem foram levantamentos importantes e pontualmente considerados nessa pesquisa.

Em face do exposto, entendendo que a dinâmica entre família e escola e a comunicação bilateral entre essas unidades sociais é elemento que exerce grande influência no âmbito educacional do discente, somando-se, a essa perspectiva, o entendimento de que urge aos profissionais capacitados, com o domínio da adequada comunicação, em colaboração com a unidade educacional, mitigar a assimetria educacional dos surdos que ocorre devido ao fato de que as famílias, em quase sua totalidade, ainda se limitam ao uso da linguagem estritamente oral para comunicar-se com crianças surdas, questiona-se: qual a percepção da mãe de uma aluna surda matriculada no sistema regular de ensino sobre a relação família e escola, comunicação e inclusão?

A indagação apresentada surgiu de uma inquietação que parte da premissa de se entender como o atendimento educacional adequado à criança, e a percepção que a família expressa desse atendimento, unido com a real relação existente entre eles é fator preponderante transformador na vida do indivíduo, bem como poder identificar causas que inibem o desenvolvimento intelectual e social de uma parcela da população que é surda, colhendo informações que exteriorizam dificuldades que esses alunos encontram e enfrentam no ensino regular, evitando que participem plenamente da vida social e em comunidade.

De modo que este estudo é relevante para que a sociedade reconheça a importância da interação família e escola na educação dos surdos, bem como dos desafios que estes enfrentam no ensino regular. Como pesquisadoras, almeja-se que este estudo sirva de subsídio para novas pesquisas voltadas para a educação dos surdos e para a família que é a base de uma sociedade forte, bem como para que seja oferecido um ensino de qualidade aos discentes surdos, onde eles tenham a Libras como sua língua de instrução, que embora já seja garantida por lei, infelizmente ainda não está sendo efetivada em todas as escolas do país. Sendo esta pesquisa relevante para o meio acadêmico por servir como mais um instrumento de divulgação e informação sobre a temática tratada e base para profissionais da área da educação. Assim, essa pesquisa teve por objetivo apresentar o relato de experiência de uma mãe de uma aluna surda sobre a relação família e escola, comunicação e inclusão no sistema regular de ensino em uma escola no município de Conceição-PB. Para tanto, elenca-se como objetivos específicos: Identificar como acontece a comunicação entre os pais e o aluno surdo; Diagnosticar se na escola de sua filha, há a oferta do ensino de Libras; Verificar como é a relação dos pais com a escola na qual a sua filha encontra-se matriculada; Demonstrar qual o maior desafio que o aluno surdo enfrenta na escola regular de ensino; Especificar quais fatores podem contribuir para um melhor desempenho do aluno surdo no desenvolvimento da aprendizagem.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É por meio da família que a criança se constitui como ser humano em sua relação com o meio e a sociedade. Assim, a interação da família com a escola (no caso, os pais ou responsáveis) contribuem para a aprendizagem e desenvolvimento da criança surda (PEREIRA, 2011).

É na família em que a criança nasce e se desenvolve e como membros sociais, incorporam aspectos culturais, normativos, morais e afetivos. É o primeiro ambiente de socialização delas e, portanto, exerce forte influência em seu comportamento, lugar em que se aprende a pensar, ver o mundo, resolver problemas, controlar suas

emoções, desejos e sentimentos e aprendem a lidar com as diversidades da vida. (FALEIRO; FARIAS; SILVA, 2017).

A família influencia de modo significativo no desenvolvimento da aprendizagem dos filhos e o ambiente em que vivem, em especial, quando a criança apresenta grande impacto na sua aprendizagem. Dessa forma, os pais devem provê-los de suporte emocional, informações e conselhos, se desejarem que ela tenha uma boa estrutura emocional e um bom rendimento escolar (RÊGO; VASCONCELOS; JUSTI, 2018).

É interessante observar que os pais de crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam sentimentos parecidos diante do problema dos filhos, dentre os quais se destacam: confusão, frustração, raiva, crítica, culpa e intolerância. Quando a criança tem dificuldades de aprender, apresenta baixo rendimento escolar, os pais são afetados com sentimento de culpa e frustrações, o que leva muitas vezes à negação do quadro. Isso leva os pais a responderem de maneira hostil ao ambiente e à criança. Em alguns casos, a frustração se expressa por apatia. No caso dos pais que têm filhos surdos, é difícil para eles aceitarem que seu filho não é igual as outras crianças (FALEIRO; FARIAS; SILVA, 2017).

Os pais de filhos com deficiência têm muita dificuldade em lidar com a situação e estão em processo de aprendizagem. Assim, a parceria com a escola pode contribuir para enfrentar os obstáculos, no processo de inclusão. Com isso, essa colaboração entre pais e escola deve ser fortalecida, o que contribui tanto para potencializar o processo educacional, quanto para auxiliar as famílias a lidar com a nova experiência imposta, aceitar e encarar o novo desafio diante de um filho surdo. Desse modo, se faz necessário construir uma ponte de ajuda mútua para o enfrentamento de possíveis barreiras sociais para o desenvolvimento do aluno surdo.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS SURDOS

A família e a escola juntas são responsáveis por influenciar na formação da sociedade. São instituições que dividem atribuições sociais, políticas e educacionais na vida das crianças. Nesses espaços, as crianças são influenciadas de modo positivo ou negativo em

seus processos evolutivos e no desenvolvimento seja físico, intelectual e emocional dos indivíduos (FALEIRO; FARIAS; SILVA, 2017).

É fato que a interação existente entre os meios sociais em que se inserem os cidadãos impacta diretamente no seu aprendizado. Nessa perspectiva, a escola e a família assumem papel de destaque na aprendizagem dos alunos. Deste modo, a relação entre pais e escola, bem como, a comunicação que acontece entre eles, são moldadores de percepções em ambos e acarretam mudanças qualitativas ou não na vida e aprendizagem dos discentes. Vale destacar que a comunicação é um elemento de intensos desafios, e se tratando de pessoas surdas esse desafio é ainda mais ampliado, pois, existe ainda um elemento que dificulta: a barreira linguística.

Como a língua é adquirida por meio da interação social, por falta de suporte familiar, as crianças surdas apresentam um resultado insatisfatório no desenvolvimento da linguagem, de modo que as crianças surdas apresentam um déficit na interação social e cultural, o que pode comprometer seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional, e, conseqüentemente pode ter seu desempenho escolar comprometido (VIANA; TOMASI, 2020).

É indispensável que a criança e sua família entrem em contato com a língua de sinais o mais cedo possível. Quando a família aceita a surdez, busca a Libras como modalidade comunicativa e passa a fazer uso da língua, a criança surda se desenvolve linguisticamente mais rápida, o que está de acordo com os estudos de Viana e Tomasi (2020) que ponderou que para o desenvolvimento social e cognitivo da criança surda, deve se respeitar a identidade surda, todos da família juntamente com a criança surda aprenderem Libras, e procurar uma escola bilíngüe para o surdo .

Os familiares, assim, exercem papel de suma importância para o estabelecimento da língua de sinais nos primeiros anos de vida da criança surda. Quando a criança surda deixa de receber o suporte necessário para seu desenvolvimento, os resultados serão insatisfatórios, o que afetará seu desenvolvimento linguístico, conseqüentemente sua comunicação com outros, gerando frustrações e comportamento agressivo (ROLDÃO; AGUIAR, 2016).

Os surdos filhos de pais ouvintes, em sua maioria, não tem uma base estrutural de vivência no mundo, visto que é na família que ocorre sua primeira interação social. (FALEIRO; FARIAS; SILVA,

2017). Assim, quando os pais ou responsáveis negligenciam a educação de seu filho, a criança surda sofre atrasos significativos na linguagem principalmente quando tardiamente entra em contato com a Libras.

Crianças surdas mais bem-sucedidas são aquelas que os pais se envolvem logo cedo na sua educação, fazem matrícula na escola, onde a criança entra em contato com a Libras e tem um acompanhamento linguístico, além de que é muito importante as crianças surdas filhas de pais ouvintes terem contato com adultos que utilizam a Língua de Sinais. Essa língua deve ser inserida na vida da criança nos três primeiros anos de idade para que a criança adquira naturalmente (ROLDÃO; AGUIAR, 2016). Por outro lado, as crianças surdas que tardiamente entram na escola, apresentam dificuldades na aprendizagem da Libras e do português, denotando baixo raciocínio (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

A escola é o ambiente em que a criança é introduzida e socializada. Ela entra em contato com outras crianças, aprende a interagir com outros setores da sociedade, desenvolve o conhecimento formal, recebe estímulo criativo e aprimora habilidades sociais, culturais e morais. Como espaço mais amplo, a escola é um lugar comum a todos que reflete as transformações da sociedade e tem como função social auxiliar os educandos a vivenciar um mundo globalizado por meio do conhecimento organizado ou formal e atividades sistemáticas. Espaço esse que oferece à criança oportunidade de vivenciar novas experiências e desenvolver habilidades cognitivas, morais e sociais.

A família e a escola exercem influência nas interações sociais das crianças por meios e recursos diferentes, e podem interferir nas relações do outro, a família pode interferir negativamente no desenvolvimento escolar das crianças e gerar desobrigação nas interações escolares (FALEIRO; FARIAS; SILVA, 2017).

É importante que família e escola se apoiem para ajudar a criança surda a superar os desafios singulares da vida, já que, quando ambas estreitam seus laços afetivos, o efeito é percebido nas relações sociais dos filhos, o que contribui para o apoio e o desenvolvimento do aluno surdo.

Segundo Hollerweger e Catarina (2014), a integração família e escola e a construção de uma rede de relações e apoio ao

desenvolvimento da pessoa com deficiência são fundamentais, pois o trabalho escolar terá mais êxito se os familiares acompanharem diretamente esse processo. De modo que o aluno surdo sentirá mais seguro e tranquilo para desenvolver suas habilidades, a família e a escola devem estabelecer uma ponte de comunicação, para ajudá-lo a superar os desafios que podem ocorrer no processo de aprendizagem. Embora, ainda assim, existem barreiras e conflitos que dificultam a interação e produzem falhas na comunicação.

2.2 DIFICULDADES NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS SURDOS

A criança ouvinte chega à escola já falando a sua língua materna, o português. Esse fato a ajuda a dominar o português com mais desenvoltura e fluência, segurança, e em várias situações do cotidiano, elas compreendem todo e qualquer tipo de discurso, falado ou escrito e organizam seus pensamentos, construindo argumentação lógica. Por outro lado, a criança surda filha de pais ouvintes chega à escola sem nenhuma língua (FARIA, 2011).

Por não terem acesso à linguagem oral, usada pelas famílias, é comum que as crianças surdas sejam privadas das conversas, assim como de atividades prazerosas, como contação de histórias ou outras atividades que envolvem a linguagem. A não participação em tais atividades prejudica a assimilação do conhecimento e a vivência de mundo e de língua, disponível às crianças ouvintes antes da escolarização (PEREIRA, 2011). O reconhecimento da língua de sinais para o desenvolvimento do surdo em todos os seus aspectos cognitivo, social, afetivo, emocional e linguístico, juntamente com as reivindicações da comunidade surda em relação ao direito de utilizar a língua de sinais como a Libras, como sua língua de instrução, tem levado muitas instituições a adotarem o modelo bilíngue na educação dos surdos, no qual a primeira língua é a de sinais que é a segunda, a portuguesa com preferência na modalidade escrita (PEREIRA, 2011).

No caso da educação dos surdos, grande parte das crianças chega à escola sem qualquer língua, e como suas interações em sua maioria ocorre com ouvintes, pessoas que desconhecem o sistema comunicacional dos surdos, o que dificulta sua interação e

desenvolvimento educacional. Em consequência, uma das grandes preocupações da escola para os surdos é criar um ambiente em que as crianças possam adquirir a língua de sinais, por meio do contato com outros surdos (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

Quando a criança surda começa sua vida já com habilidade da língua de sinais, por serem filhos de pais surdos, ou por seus pais logo cedo à expor a língua de sinais ou terem contato com outros surdos, elas adquirem o conhecimento da Libras como L1 e desenvolvem o raciocínio lógico, possibilitando-os a desenvolver suas funções cognitivas (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

O surdo aprende sua língua assim como os ouvintes por meio das interações sociais. A única diferença é o canal linguístico em comum, pois, os sujeitos precisam ambos usar a língua de sinais. Estudos mostram que a interação de uma pessoa surda com um adulto surdo ou ouvinte que sinalize fluentemente em Libras favorece de maneira significativa o desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo, e mais significativo ainda é quando um membro da família interage com a pessoa surda por meio da língua de sinais (VIANA; TOMASI, 2020). O que se constitui um dos desafios que o aluno surdo enfrenta, visto que em sua maioria, os membros da família de surdos são ouvintes e não utilizam a língua de sinais na comunicação. Estudos apontam que há uma diminuição de interação entre pais ouvintes e filhos surdos, além da resistência da família em aceitar a Libras como forma de comunicação. São muitos os desafios enfrentados na educação dos surdos, desde a aprendizagem da linguagem até as relações interativas entre familiares e escolares (FALEIRO; FARIAS; SILVA, 2017).

A inclusão da língua de sinais é indispensável para a inclusão escolar do discente surdo "é direito das pessoas surdas o acesso ao aprendizado da Libras desde a educação infantil para sua apropriação de maneira natural e ao longo das demais etapas da educação básica" (BRASIL, 2010, p. 15). As instituições escolares, por sua vez, devem favorecer o acesso à Libras por meio de interação social e cultural com indivíduos e grupos surdos, e a proposta bilíngue atualmente a mais aceita pela comunidade surda, em que a Libras deve ser a língua de instrução como primeira língua (L1), e a língua portuguesa como segunda língua (L2), na modalidade escrita. Contribuindo assim para o desenvolvimento da crianças

surdas, no seu tempo de desenvolvimento linguístico esperado, integrando assim no seu currículo a Libras, não fazendo parte de um atendimento educacional especializado, mais garantindo aquisição e a aprendizagem das duas línguas envolvidas como condição necessária à educação dos surdos, favorecendo-os na construção de sua identidade linguística e cultural em Libras. (BRASIL, 2014).

2.3 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Uma escola é inclusiva quando oferece uma educação de qualidade a todos independentemente de serem ou não pessoas com deficiência (PcD). Quando não se faz distinção entre as pessoas, não há seleção ou diferenças entre normais e deficientes, não há julgamento entre perfeito e não perfeito, respeita as diferenças e a diversidade de cada indivíduo. Assim, oferece a todos a oportunidade de conhecer, aprender e viver num ambiente livre de preconceitos e que estimula a potencialidade de cada indivíduo e a formação de uma consciência crítica. Em uma escola inclusiva se respeita as diferenças sem anulá-las, trazendo benefícios a todos os indivíduos (DUK, 2006).

A escola inclusiva é organizada para atender todos os alunos sem fazer distinção, começando por seu espaço físico, que são adaptados, oferecendo acessibilidade a todos os alunos, adaptando assim, aos alunos PcD (DUK, 2006).

Dessa forma, o mais importante é que não se resume apenas ao espaço físico, mas, envolve também a reparação de uma metodologia adequada do corpo docente da escola, garantindo assim, a acessibilidade metodológica. Assim, cabe ao professor buscar novas metodologias de ensino que favoreçam ao aprendizado de todos seus educandos. Também é importante contar com o apoio de toda equipe escolar, desde o diretor ao auxiliar de serviços gerais, juntamente com a família e comunidade local, pois para ocorrer de fato à inclusão, todos precisam aprender a lidar com a diferença e diversidade aceitando-a e construindo novas relações pautadas no respeito ao outro, sem haver julgamentos de valores que produzem piedades, repulsas etc.

Também se faz necessário no processo de inclusão oferecer condições de desenvolvimento para todos, na criação de um

ambiente no qual cada um tenha a oportunidade de participar plenamente e todos são valorizados em suas diferentes habilidades, conhecimentos e atitudes, de forma que quando a escola cria condições para incluir todas as PcD ou não em seu processo educativo, respeitando a diversidade e singularidade de cada indivíduo, independentemente da cor, raça, sexo, religião, orientação sexual, deficiência ou não, todos se sentem incluídos independente de suas diferenças.

A inclusão ocorre quando professores e alunos aprendem a respeitar as diferenças, a diversidade, contribuindo assim, para uma sociedade mais justa e igualitária. As instituições de ensino, não podem excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade, ou deficiência, direito esse garantido na lei magna do país- a nossa constituição - que ao garantir educação a todos, é a todos mesmo, para que todos tenham oportunidade igual de se desenvolver plenamente como humanos e preparados para cidadania (BRASIL, 1988).

Para que haja inclusão escolar é indispensável que os estabelecimentos de ensino eliminem toda e qualquer tipo de barreiras e adotem práticas e métodos de ensino adequados às diferenças dos alunos em geral, oferecendo alternativas, recursos de ensino e equipamentos especializados que atendam a todas as necessidades educacionais dos alunos, com ou sem deficiência. A inclusão plena prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática e é baseada no respeito às diferenças dos alunos, porém, sem diferenciar o ensino para cada um. Ensinar atendendo a essas diferenças, depende, entre outras condições, de se extinguir um ensino transmissivo e de se adotar uma pedagogia ativa, dialógica, interativa, integradora, que se opõe a toda e qualquer visão unidirecional, de transferência unitária, individualizada e hierárquica do saber (MANTOAN, 2003).

O acesso ao ensino fundamental obrigatório deve ser incondicionalmente garantido a todos. De acordo com a LDB/1996 em seu art. 24, o ensino deve ser organizado de modo que cumpra os princípios constitucionais de igualdade e direitos ao acesso e permanência na escola, e o acesso ao ensino superior de acordo com a capacidade de cada indivíduo (BRASIL, 1996).

Em uma escola inclusiva não se deve enfatizar as desvantagens ou deficiências do educando. As escolas devem buscar formas de tornar o currículo acessível a todos, e assim assegurar sem distinção o direito a uma educação de qualidade, respeitando a diversidade, transformando as desigualdades e desvantagens dos alunos. Como ponto de partida para educar com base no respeito às peculiaridades de cada estudante, se faz necessário desenvolver uma consciência de que as diferenças resultam de um complexo conjunto de fatores, que abrangem as características pessoais e a origem sociocultural, assim como as interações humanas, proporcionando oportunidades iguais a todos os estudantes, na busca de compensar as desigualdades sociais e culturais (DUK, 2006).

Concluindo, na educação inclusiva todos os alunos devem aprender juntos, independentemente de suas condições pessoais, sociais, culturais ou habilidades e potenciais diferenciados, abrangendo assim todo tipo de deficiência. Para uma escola ser inclusiva, não deve haver discriminação de qualquer espécie. A promoção da verdadeira inclusão resulta na eliminação de barreiras à aprendizagem e na participação, de todos que dela precisem bem como na maximização dos recursos que apoiam a inclusão (FUMEGALLI, 2012).

3 MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência que é uma ferramenta da pesquisa descritiva. A pesquisa foi realizada com uma mãe de uma aluna surda regularmente matriculada na escola EEEF Calula Leite que está localizada no município de Conceição, no estado da Paraíba, localizado na Região Metropolitana do Vale do Piancó. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010 sua população era estimada em 18.363 habitantes, com área territorial de 579 km². Distante da capital João Pessoa 418 km (IBGE, 2022).

A Escola em epígrafe atende alunos do Ensino Fundamental I e II, nos turnos manhã e tarde, sendo que no turno manhã funcionam as turmas do 1º ao 5º ano e a tarde do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, com uma média de 500 alunos matriculados.

Para o desenvolvimento das atividades, a escola conta com uma estrutura física que contém 8 salas de aulas, 1 auditório, 1 cantina, 1 refeitório e 1 quadra de esporte, 1 secretaria, 1 diretoria e 1 biblioteca. Ela conta ainda com uma ótima localização, estando situado na segunda avenida da cidade, na rua prefeito João Fausto, S/N, em um grande terreno em seu entorno com árvores frutíferas como mangas, laranjas etc.

3.1 PARTICIPANTE DA PESQUISA

Trata-se da senhora GSFS, mãe ouvinte, 45 anos, do lar e casada. Tem três filhas, sendo a do meio, a aluna surda. O esposo trabalha em uma empresa que presta serviço a prefeitura, como gari. A família mora em uma casa alugada no município de Conceição-PB.

3.2 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO PARA COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário impresso composto por sete questões, que após, a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o instrumento foi entregue à participante em sua residência (via moto táxi) - o questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - já assinado em duas vias pela pesquisadora responsável, sendo que uma via ficou com a participante da pesquisa e a outra com a pesquisadora. Decorridos uma semana, prazo definido pela pesquisadora para a participante responder ao questionário, a pesquisadora recolheu da mesma forma que entregou - por intermédio do moto táxi. Dessa forma, tendo contato zero entre pesquisador e pesquisado visto que a coleta de dados foi realizada no mês de dezembro de 2020, ainda em pandemia da COVID-19. Todas as informações de forma detalhada acerca do projeto foram bem descritas no TCLE que foi lido e assinado pela participante da pesquisa.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados desta pesquisa foi desenvolvida por meio de uma abordagem qualitativa, a partir das respostas obtidas no questionário. Consiste na descrição das respostas coletadas nos questionários e na relação estabelecida entre estas respostas e as discussões teóricas que vêm sendo feitas a respeito da temática.

3.4 POSICIONAMENTO ÉTICO DA PESQUISA

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE): 39195220.0.0000.5185 e Parecer número: 4.455.081. Somente após isso, iniciou-se a coleta de dados.

Os riscos para participar da pesquisa, estavam relacionados a: tomar o tempo da participante para responder ao questionário; para minimizá-los, a pesquisadora deu uma semana para responder ao questionário em dia e horário conveniente de acordo com sua disponibilidade de tempo. Também mencionamos o risco de constrangimento ao responder as perguntas do instrumento, que foi minimizado, informando que a participante tinha a liberdade de não responder a alguma pergunta que considerasse invasiva/constrangedora. O pesquisador lembra no TCLE que em nenhum momento os participantes foram identificados. Ratifico que a participante da pesquisa teve a liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A participante da pesquisa respondeu ao questionário, e pela análise das respostas, verificou-se a percepção de uma mãe quanto à relação da família com a escola, a inclusão do aluno surdo no sistema regular de ensino, a comunicação e os desafios que o aluno surdo enfrenta na escola e na família.

Quadro 1 – Respostas da participante em relação a Libras e sobre o processo de comunicação com sua filha surda. Escola Estadual de Ensino Fundamental Calula Leite, Conceição, Paraíba, Brasil, dez. 2020.

Perguntas	Respostas
<p>1. Você sabe Libras? <input type="checkbox"/> SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO. -Se <u>NÃO</u>, em relação a comunicação com seu filho, como acontece?</p>	<p><i>"A comunicação com minha filha ocorre através de leitura labial e gestos familiares".</i></p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando questionada se a mãe sabe Libras, a resposta foi, não, o que indica que esta não domina a língua de sinais. O fato da participante não saber Libras revela que foi desenvolvida outra forma de comunicação na família, o que está explícito em sua resposta sobre como ocorre a comunicação dentro da família com o surdo, por meio de leitura labial e gestos familiares. O que corrobora com os estudos de Viana e Tomasi (2020) que demonstraram que quando a família da criança surda não domina a Libras, eles começam a criar sinais, gestos caseiros, expressões faciais e corporais que são utilizados na comunicação com a pessoa surda. Bem como os estudos de Cappellini e Santos (2020), que afirmam que as famílias de pessoas surdas fazem uso da linguagem oral, gestos e mímicas, como recursos que eles criam para não deixarem de se comunicar com seus filhos surdos, de modo que eles não sejam excluídos do contexto comunicativo.

De acordo com os estudos de Pereira (2011), o fato das crianças surdas (filhos de pais ouvintes) não terem acesso à linguagem oral, elas são privadas das conversas, e atividades prazerosas como contação de histórias ou outras atividades que envolve a linguagem oral o que pode prejudicar o entendimento de mundo e de língua da criança surda. Assim, conforme revelado pelo presente estudo, a comunicação na família por meio dos gestos familiares com o surdo fica restrita apenas a família, pois ninguém fora da família consegue se comunicar com o sujeito surdo, o que acarreta isolamento.

Quadro 2 – Respostas da participante em relação a interação da escola com sua filha. Escola Estadual de Ensino Fundamental Calula Leite, Conceição, Paraíba, Brasil, dez. 2020.

Perguntas	
2. Você como mãe, como é sua relação com a escola de sua filha? (<input checked="" type="checkbox"/>) Boa () Ruim () Ótima () Péssima () Outra	
3. Com que frequência você vai à escola de sua filha? (<input checked="" type="checkbox"/>) sempre que possível () ocasionalmente () nunca () nas reuniões anuais de pais ou quando convocada pela direção da escola. () Outra. Qual?	<i>"Eu costumo ir à escola sempre, conheço os professores, e colegas, procuro saber de tudo que acontece na escola, notas, comportamento e amizades"</i>
4. Qual o maior desafio que sua filha enfrenta na escola de ensino regular?	<i>"A comunicação é a maior dificuldade, ela se sente sozinha, isolada, só conversa com o intérprete. Além de ser tímida, o que dificulta fazer amizade. Para a aprendizagem de minha filha, seria bom ela ter aulas em Libras, pois o conhecimento e habilidade que tem de Libras foi o que ela aprendeu nos anos iniciais em João Pessoa, também seria muito bom para ela ter contato com mais pessoas que sabe Libras para se comunicar, ela às vezes fica triste por que se sente sozinha, isolada".</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quando questionada sobre a relação dos pais com a escola, a participante respondeu que é boa, o que indica que a família tem uma boa interação com a escola, favorecendo assim, o desenvolvimento do aluno surdo, o que corrobora com os estudos de Hollerweger e Catarina (2014), que destacou que a parceria entre família e escola quando fortalecida contribuem de maneira significativa no processo educacional dos alunos surdos, ajudando-os a enfrentar os obstáculos na escola.

A resposta sobre o questionamento 3, revela que a mãe busca estar sempre em contato com a direção da escola, com os professores, costuma ir sempre à escola, acompanha tudo que acontece com sua filha. Quando a família acompanha diretamente a educação de seus filhos, frequentam a escola (se envolvem) - essa interação da família com a escola contribui de maneira significativa

para o êxito do aluno, o que está de acordo com os estudos de Hollerweger e Catarina (2014) que afirma que a interação da família com a escola favorece o desenvolvimento das habilidades dos alunos, o que os ajuda a superar os desafios que podem ocorrer no processo de aprendizagem. Ainda sobre a relação família e escola, Faleiro, Farias e Silva, (2017) demonstraram que a aproximação da família com a escola contribuem positivamente para o desenvolvimento da pessoa surda, potencializando sua aprendizagem.

Sobre o maior desafio que sua filha enfrenta na escola, o relato diz respeito à comunicação. Conforme comentado pela participante sobre a necessidade que o surdo tem de ter contato com outros usuários da Libras, corrobora com os estudos de Viana e Tomasi (2020) que relatam em sua pesquisa a importância das crianças surdas terem contato com adultos usuários da Libras para que elas percebam que não são as únicas que utilizam a língua. De acordo ainda com Roldão e Aguiar (2016), há necessidade de se colocar a criança surda em contato com um adulto surdo, fluente em Libras, tornando mais fácil a aquisição da língua por meio da interação com outros.

Quadro 3 - Respostas da participante em relação ao ensino da Libras como L1, e o que ela pensa da educação inclusiva.

Perguntas	Respostas
5. Na escola de sua filha, nos anos iniciais ela teve acesso ao ensino da Libras? (X) SIM () NÃO	-
6. Atualmente na escola de sua filha, há a oferta do ensino da Libras?	<i>"Não! Atualmente, a escola atual de minha filha tem apenas o intérprete, não há ensino de Libras".</i>
7. Como você vê a educação inclusiva? Esse modelo educativo ajuda sua filha no desenvolvimento educacional?	<i>"Acredito que ela aprenderia mais em uma sala especial com outros surdos e professores qualificados que ensinasse Libras, porém na escola normal ela tem a oportunidade de aprender a conviver com outros, vencer o preconceito, ser tratada igual aos outros não se sentir discriminada, nem inferior aos outros".</i>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Percebe-se pelo Quadro 3 que, embora a discente surda não tenha acesso a essa língua no ambiente familiar, teve acesso

a Libras na escola nos anos iniciais, e possivelmente, contato com outros usuários da língua na sua infância, de modo que conseguiu desenvolver aptidões para a comunicação na língua de sinais, o que facilitou o raciocínio lógico, possibilitando-a desenvolver suas funções cognitivas, conforme situação já mencionada nos estudos de Faria e Cavalcante (2011). Por isso, o ensino da Libras se faz necessário porque possibilita que o surdo se desenvolva em todos os aspectos, conforme já descrito em momentos anteriores. Desse modo, o modelo de educação bilíngue na educação dos surdos, o ensino da Libras como a primeira língua são imprescindíveis na educação dos surdos (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

Ainda sobre o ensino da Libras, Viana e Tomasi (2020) destaca que as crianças surdas entrem em contato com adultos surdos usuários da língua para as ajudarem a se desenvolver linguisticamente e a perceberem que não são as únicas que utilizam a Libras, assim não se sentiram sozinha no mundo. Observa-se também a importância do apoio da família, e que quando os pais se envolvem na educação de seus filhos, realizam matrículas em escolas onde os surdos têm contato logo cedo com a Libras. Assim, desenvolvem a aprendizagem e o raciocínio e se saem bem na escola (FARIA; CAVALCANTE, 2011).

Sobre a oferta do ensino de Libras na escola de sua filha, infelizmente, o relato é de que não tem. A escola oferece apenas a presença do intérprete, de modo que o aluno se sente sozinho e isolado, como consequência, a comunicação e interação com outros fica comprometida, de modo que a barreira linguística, a comunicação é um dos grandes desafios que o aluno surdo enfrenta no ensino regular, e na família. Percebe-se que a filha da participante encontra dificuldade em fazer amigos, devido ao pouco contato que tem com pessoas que sabem Libras, e como ela se comunica, por meio dessa língua, apenas com o intérprete, até mesmo em família não se faz uso dessa língua (PEREIRA, 2011). Portanto, falta ser inserido o ensino da Libras no currículo escolar, que conforme o Relatório do Ministério da Educação (BRASIL, 2014), a escolarização dos surdos não pode estar vinculada a condição auditiva do aluno, ela deve ser garantida uma educação linguístico/cultural, em escolas bilíngues que são específicas e diferenciadas e tem como critérios a enturmação dos estudantes, não à deficiência, mais a

especificidade linguística e cultural dos surdos reconhecida pelos dispositivos legais, de modo que o atendimento escolar dos estudantes surdos necessita de ajustes nos sistemas de ensino para garantir de fato o direito aos educandos surdos a uma educação bilíngue em toda sua trajetória estudantil.

Em relação à educação inclusiva, para a participante é um meio de sua filha não sofrer preconceito, mais que se ela tivesse em uma sala especial com um programa ou professor exclusivo para ensinar a ela Libras ela aprenderia mais, por isso ela prefere que sua filha estudasse em uma sala especial, o que revela o anseio da mãe para que sua filha tenha instrução por meio da Libras como L1. O relato revela que a participante vê a educação inclusiva como oportunidade para sua filha enfrentar os obstáculos da deficiência de forma a não sofrer preconceito ou discriminação. De acordo com Hoolleweger e Catarina (2014), a escola pode ser uma ponte de ajuda mútua para enfrentar as barreiras sociais para o desenvolvimento da pessoa com deficiência. A educação inclusiva tem o objetivo de oferecer oportunidade igualitária a todos independentemente de serem ou não PcD, onde todos têm a oportunidade de aprender, viver num ambiente sem preconceito e que suas potencialidades sejam despertadas e aproveitadas na formação do indivíduo. Quando a família e a escola interagem juntas e buscam promover a inclusão e superar as barreiras linguísticas e comunicativas dos surdos, isso facilita o desenvolvimento da aprendizagem do aluno surdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o pleno desenvolvimento de um estudante, a família e a escola devem ser parceiros, andar juntos, essa interação muito favorece o desenvolvimento do aluno surdo, e o processo de inclusão visa vencer as barreiras do preconceito. Na educação, se faz necessário respeitar as diferenças de cada indivíduo e estimular sua capacidade de aprendizagem, superar as barreiras linguísticas e desenvolver habilidades comunicativas tão imprescindível para as relações humanas.

Sobre as limitações do estudo podemos acrescentar que: pretendíamos, inicialmente, fazer um estudo de caso com a finalidade

de conhecer mais de perto as implicações que envolvem a interação da família do aluno surdo com a escola, as dificuldades que os alunos surdos enfrentam no ensino regular e se de fato, acontece o processo de inclusão. O estudo de caso é um método qualitativo que consiste em uma investigação mais profunda, na busca de responder aos questionamentos levantados pelo pesquisador sobre o fenômeno estudado. Além disso, necessita, a rigor, utilizar no mínimo, três técnicas de coleta de dados diferentes (MARCONI; LAKATOS, 2017), o que tornou-se impossível devido à pandemia. Dessa forma, com as recomendações do Ministério da Saúde com restrições para se evitar aglomerações, decretos municipais e estaduais reduziram o contato direto para se evitar a contaminação e propagação do vírus. Com isso, não foi possível, por exemplo, utilizar a técnica da observação – visto que as aulas, no período de coleta, estavam acontecendo de forma remota.

Assim, percebe-se que quando a família participa da vida escolar dos filhos e interage com a escola, contribui para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Embora a mãe da aluna surda não tenha conhecimento da Libras, enviou sua filha para escola e lá aprendeu Libras e conseguiu se desenvolver. Essa preciosa ação refletiu de forma extremamente significativa no desenvolvimento da criança.

O estudo revelou também que os alunos surdos enfrentam dificuldades na comunicação devido à barreira linguística. Se sentem isolados, pois, poucos têm com quem se comunicar em sua língua, até mesmo na escola. E por fim, ficou claro que o apoio da família se faz muito necessário e imprescindível para ajudar os surdos no desenvolvimento de sua aprendizagem e interação social. No entanto, para que a inclusão ocorra de fato urge-se por um ensino da Libras com qualidade nas escolas de ensino regular.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 jan. 2021.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 08 ago. 2020.

BRASIL. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7106_fasciculo-4-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 dez. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Grupo de Trabalho designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2014.

CAPPELLINI, Michele Toso; SANTOS, Lara Ferreira dos. As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.33, p.1-123, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X48563>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/48563/pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

DUK, Cynthia. **Educar na diversidade**: material de formação docente. 3. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006. 266 p.

FALEIRO, Wender; FARIAS, Magno Nunes; SILVA, Lázara Cristina. Interação família- escola no desenvolvimento do aluno surdo. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 24, n. 3, p. 596-609, dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.5335/rep.v24i3.7768>. Disponível em: <http://>

seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7768/4600. Acesso em: 12 jul. 2022.

FARIA, Evangelina Maria Brito; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. 2. ed. Brasília: MEC: SEESP, 2007.

FARIA, Evangelina Maria de Brito; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. **Desafios para uma nova escola**: um olhar sobre o processo ensino aprendizagem de surdos. João Pessoa; Editora da UFPB, 2011.

FARIA, Evangelina Maria Brito de. **Língua portuguesa e Libras**: teorias e práticas. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

FUMEGALLI, Rita de Cássia de Avilla. **Inclusão escolar**: o desafio de uma educação para todos?. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Especial: Deficiência Mental e Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2012. Disponível em: <https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/716/ritamonografia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jul. 2022.

HOLLERWEGER, Silvana; CATARINA, Mirtes Bampi Santa. A importância da família na aprendizagem da criança especial. **Revista de Educação do Ideau**, Erechim, v. 9, n. 19, p.1-12, 2014. Disponível em: https://www.getulio.ideau.com.br/wp-content/files_mf/179d2c-41544fbc17412e67a39d3476d39_1.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE cidades**, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/conceicao/panorama>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

PEREIRA, Lauro do Nascimento. **A importância da interação da família e escola**. Disponível em: https://conteudojuridico.com.br/consulta/artigos/52361/a-importancia-da-interacao-da-familia-e-escola#_ftn1, 2011. Acesso em: 10 ago. 2020.

RÊGO, Simone dos Santos; VASCONCELOS, Corina Fátima Costa; JUSTI, Jadson. Relação família e escola no processo de aprendizagem de estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Caribeña de Ciências Sociales**, 2018. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/caribe/2018/08/familia-escola-aprendizagem.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.

ROLDÃO, Michelle Melo Gurjão, AGUIAR Girlaine Felisberto de Caldas. Educação bilíngue: constituindo o surdo como sujeito. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2., 2016, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: Editora Realize, Campina Grande, 2016. Disponível: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD_1_S_A7_ID3504_11102016122559.pdf. Acesso em: 01 fev. 2021.

VIANA, Priscila Paula Santos, TOMASI, Áurea Regina Guimarães. A participação da família ouvinte no desenvolvimento de criança surda: relato de uma experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.3, n.6, p.18284-18302, nov./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n6-228>. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/21420/17095>. Acesso em: 12 jul. 2022.

QUESTIONÁRIO

1) Você sabe Libras?

Sim

Não

Se NÃO, em relação a comunicação com sua filha, como acontece?

2) Como pais, como é sua relação com a escola de sua filha?

Boa

Ruim

Ótima

Péssima.

Outra

3) Com que frequência você vai à escola de sua filha?

sempre que possível

ocasionalmente

nunca

nas reuniões anuais de pais ou quando convocada pela direção da escola.

Outra.

Qual? _____

4) Qual o maior desafio que sua filha enfrenta na escola de ensino regular?

5) Na escola de sua filha, nos anos iniciais ela teve acesso ao ensino da Libras?

SIM

NÃO

6) Atualmente na escola de sua filha, há a oferta do ensino da Libras?

7) Como você vê a educação inclusiva? Esse modelo educativo ajuda sua filha no desenvolvimento educacional?